

**FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS PORTO S/A
CURSO DE MEDICINA**

**ANDRESSA DE OLIVEIRA
SABRINNA BARBOSA DE SOUZA**

**CAUSAS DE AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA**

**ANDRESSA DE OLIVEIRA
SABRINNA BARBOSA DE SOUZA**

**CAUSAS DE AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA**

Artigo científico submetido ao Curso de Medicina da FAPAC- Faculdade Presidente Antônio Carlos ITPAC Porto Nacional, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Medicina.

Orientadora: Prof. Dra. Nelzir Martins Costa

**PORTO NACIONAL-TO
2021**

**ANDRESSA DE OLIVEIRA
SABRINNA BARBOSA DE SOUZA**

**CAUSAS DE AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA**

Artigo científico apresentado e defendido em ____/____/____ e aprovado perante a banca examinadora constituída pelos professores:

Professora: Dra. Nelzir Martins Costa
Instituto Presidente Antônio Carlos

Professor: (Inserir o nome do Examinador 01)
Instituto Presidente Antônio Carlos

Professor: (Inserir o nome do Examinador 02)
Instituto Presidente Antônio Carlos

**PORTO NACIONAL-TO
2021**

CAUSAS DE AUTOMUTILAÇÃO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

CAUSES OF SELF-MUTILATION IN ADOLESCENTS: A SYSTEMATIC REVIEW

Andressa de Oliveira¹
Sabrinna Barbosa de Souza¹
Nelzir Martins Costa²

¹ Acadêmicas do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

² Professora Adjunta do Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos – Dra. em Ensino de Língua e Literatura (Orientadora)

RESUMO: Introdução: A adolescência é uma etapa da vida permeada por mudanças físicas, psicológicas e sociais. Nessa fase também são comuns o aparecimento de frustrações e exacerbações emocionais que levam ao sentimento de angústia. Diante desse inexplicável sentimento os adolescentes procuram um meio de exteriorizar a dor psíquica, nesse contexto, muitos encontram na automutilação uma forma de aliviá-la. **Objetivo:** O presente estudo busca identificar os fatores causais em adolescentes que estimulam o aumento de casos de autolesão. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, de caráter qualitativa e descritiva, com finalidade de investigar as causas do número crescente de casos de automutilação em adolescentes. Foram selecionadas 12 bibliografias a partir dos critérios de inclusão e exclusão. **Resultados e Discussões:** É evidente a existência de um tabu sobre situações que envolvem a lesão autoprovocada em adolescentes, que prejudica os conhecimentos dos principais fatores causais. Os principais fatores envolvem aspectos pessoais, familiares, transtornos psiquiátricos, relacionados à infância e risco sociais. Além do mais, identificou que os transtornos psiquiátricos e o uso inadequado da internet influenciam negativamente no comportamento autolesivo. Adolescentes que se automutilam não possuem a intenção consciente de cometer suicídio, mas sim uma forma de diminuir o seu sofrimento, apesar do ato ser um fator de risco para que isso ocorra. **Considerações finais:** Conhecer as causas que justificam a automutilação entre esses jovens, permitirá identificar de forma precoce e prevenir a ocorrência de novos casos. Além disso, é importante a quebra do tabu sobre automutilação entre jovens, informando profissionais da educação para combater a negligência em relação a este tema.

Palavras-chave: Adolescentes. Angústia Emocional. Automutilação. Transtornos Mentais.

ABSTRACT: Introduction: Adolescence is a stage of life permeated by physical, psychological and social changes. In this phase, the appearance of frustrations and emotional exacerbations that lead to the feeling of anguish are also common. Faced with this inexplicable feeling, adolescents look for a way to externalize psychic pain. In

this context, many find self-mutilation as a way to relieve it. **Objective:** The present study seeks to identify the causal factors in adolescents that stimulate the increase in cases of self-injury. **Methodology:** This is a systematic review of the literature, of a qualitative and descriptive character, with the purpose of investigating the causes of the increasing number of cases of self-mutilation in adolescents. 12 bibliographies were selected based on the inclusion and exclusion criteria. **Results and Discussions:** It is evident that there is a taboo about situations involving self-harm in adolescents, which impairs the knowledge of the main causal factors. The main factors involve personal, family, psychiatric disorders, related to childhood and social risk. Furthermore, he identified that psychiatric disorders and the inappropriate use of the internet have a negative influence on self-injurious behavior. Self-harming adolescents do not have a conscious intention of committing suicide, but rather a way to reduce their suffering, despite the fact that the act is a risk factor for this to occur. **Final considerations:** Knowing the causes that justify self-mutilation among these young people, will allow to identify early and prevent the occurrence of new cases. In addition, it is important to break the taboo on self-mutilation among young people, informing education professionals to combat neglect in relation to this issue.

Keywords: Adolescents. Emotional Anguish. Self-mutilation. Mental Disorders.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por mudanças físicas e psicossociais, na qual o indivíduo deve lidar com o ambiente ao seu redor e a determinação de sua corporeidade, ou seja, a sua imagem corporal e como utilizá-la por meio de um instrumento relacional com o mundo. Dessa maneira, ele se depara com diversos desafios que exigem uma maturidade emocional para assumir uma identidade de um indivíduo adulto, obtendo mais responsabilidade e passando por um processo de desligamento dos pais (RODRIGUES, 2018).

Diante disso, o adolescente se depara com frustrações e sentimentos de angústia e se encontra incapaz de expressá-los verbalmente procurando outros meios para se “libertar”, como a autolesão. Em contrapartida, ao tentar desviar a atenção dessa dor, o fator causador não está sendo solucionado, fazendo com que essa ação seja recorrente.

A pele tem como função proteger, principalmente, os órgãos vitais, além de fazer parte da identificação de cada indivíduo. Com isso, para esses adolescentes a pele é considerada uma grande barreira que aprisiona, mesmo que simbolicamente, esse sentimento ou sensação ruim. A angústia desencadeada pela incapacidade de lidar com o fator causador, acaba por levar o adolescente a se comunicar marcando

sua pele, sendo uma forma de exteriorizar aquilo que não consegue ser dito em palavras (OLIVEIRA, 2016).

Vários são os fatores de riscos que predispõem essa automutilação, sendo uma lesão que o indivíduo inflige em si próprio, dentre eles abuso emocional, físico, social, maus tratos infantis, problemas familiares, o fato de conhecer algum membro familiar ou amigo que pratica essa automutilação, a presença de transtornos psíquicos, ou sintomas depressivos e ansiosos, vítimas de *bullying*, baixa autoestima ou até mesmo abuso de álcool entre outras drogas (FREITAS; SOUZA, 2017; OLIVEIRA; RAMOS; AMARAL, 2019).

No Brasil, a notificação de violências interpessoais e autoprovocadas integra a lista de doenças e agravos de notificação compulsória no SINAN (Sistema de Notificação de Agravos de Notificação) desde o ano de 2010, em serviços sentinelas, ampliando para notificação universal em 2011 (BRASIL b, 2019). Apesar da gravidade e de constituir-se como um problema de saúde pública, não há muitos estudos voltados para a análise do tema.

Segundo o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (2019), no período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de automutilação. Desse total, 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos. No Estado do Tocantins foram registradas, no mesmo período, um total de 2.566 notificações. Ao final de 2018 esses dados devem ter aumentado, visto que o levantamento foi realizado com dados coletados até 2 de agosto de 2018.

Em virtude desses dados, percebe-se que a automutilação é um problema de saúde pública, exigindo estudos que busquem aprofundar o conhecimento sobre o tema para que os profissionais de saúde sejam capacitados para lidarem com estes casos, bem como também os prevenir.

O presente artigo objetiva apresentar uma análise sobre a automutilação em jovens e adolescentes no Brasil, analisando as causas que contribuem para o aumento dos casos e o perfil dos autores, a partir de revisão da literatura.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura do tipo sistemática, de caráter qualitativa e descritiva, com a finalidade de investigar as causas do número crescente de casos de automutilação em adolescentes, a partir de pesquisas já realizadas. O estudo

consiste na realização de busca de artigos científicos publicados em revistas, jornais e livros, encontradas nas plataformas Scientific Electronic Library Online (Scielo), PUBMED e Google Acadêmico. Os Descritores em Ciências da Saúde utilizados foram: adolescentes, angústia emocional, automutilação e transtornos mentais.

Inicialmente foram encontrados 35 artigos, porém somente 12 bibliografias foram selecionadas e foram executadas as seguintes etapas: Elaboração da pergunta “Por quais motivos há um crescente número de casos de automutilação entre adolescentes?”; busca diversificada de artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, com leitura de resumos e títulos, e posteriormente leitura completa; extração de dados com análise crítica de cada estudo e das características; comparação dos resultados, e por fim, apresentação da revisão em si.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir dos critérios de inclusão, sendo eles amostragem, objetivo de estudo, tipo de estudo e aqueles que respondem à pergunta norteadora, sendo analisados na língua portuguesa e inglesa e critérios de exclusão como ano de publicação e local de publicação.

3 RESULTADOS

Durante a busca, foram definidas 12 publicações para serem utilizadas neste estudo. Foram encontrados 35 artigos, contudo 23 foram eliminados por não se enquadrarem nos critérios avaliados para a pesquisa. Dentre as 12 publicações selecionadas, 16,66% (2 artigos) são do ano de 2020, em língua inglesa, encontrados na plataforma PUBMED; 41,66% (5 artigos) são do ano de 2019, 20% desses artigos teve como base de dados a Scielo, 20% a PUBMED, sendo de língua inglesa e 60% a plataforma Google Acadêmico; 25% (3 artigos) do ano de 2018, 8,33% (1 artigo) do ano de 2017 pesquisados na base de dados da Google acadêmico e 1 artigo de 2016 que equivale a 8,33% das publicações, sendo de língua inglesa, pesquisadas na Scielo. Em relação ao planejamento metodológico dos estudos utilizados, a maioria foram de caráter qualitativo (5 artigos), 4 estudos de natureza quali-quantitativos (1 em língua inglesa) e 3 quantitativos em língua inglesa com delineamentos transversais.

O quadro 1 demonstra todas as publicações selecionadas, segundo autor, título, ano de publicação, periódico e objetivos e a figura 1 exibe por meio de um fluxograma como foi realizado a seleção dos artigos.

Quadro 1- Publicações selecionadas para análise dos dados segundo autor, título, ano de publicação, periódico e objetivos.

| Autores/ Título/ Ano | Periódico | Objetivos | Principais Resultados |
|---|---|---|---|
| ALMEIDA, R. S. <i>et al</i> / A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional. / 2018 | Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais | Apresentar as contribuições da Psicologia Escolar/ Educacional diante da problemática da Automutilação na adolescência. | Dentre as ações que o psicólogo escolar/ educacional poderá desenvolver estão: elaboração de projetos educativos específicos, abordando essa temática; a escuta clínica dos sujeitos praticantes ou não da Automutilação por meio, do Plantão Psicológico e do Aconselhamento Psicológico. Portanto, é possível perceber que existem várias formas pelas quais esse profissional poderá intervir diante da problemática da Automutilação na adolescência. |
| FREITAS, E. Q.; SOUZA, R./ Automutilação na adolescência: prevenção e intervenção em psicologia escolar. / 2017 | Revista Ciência | Apresentar a contribuição da Psicologia Escolar em caráter preventivo, na sinalização, na intervenção, no acompanhamento e encaminhamento para os devidos profissionais utilizando ações que contribuem para a redução de casos | O Psicólogo Escolar ao trabalhar a automutilação, em caráter preventivo, utiliza de ações que contribuem para a redução de casos no ambiente escolar, como também sobre a intervenção do Psicólogo Escolar nos casos de automutilação apresentam um papel importante para a sinalização, diagnóstico, acompanhamento e encaminhamento para os devidos profissionais. Ao deparar a Psicologia Escolar com a automutilação, foi percebido que muitas são as leituras possíveis a serem realizadas sobre causas, atuação, intervenção e encaminhamento. |
| IZADI-MAZIDI M. <i>et al.</i> / Assessing the functions of non-suicidal self-injury: factor analysis of functional assessment of self-mutilation among adolescents./ 2019 | Iranian journal of psychiatry | O objetivo deste estudo transversal foi avaliar a análise fatorial da Avaliação Funcional da Automutilação (FASM) entre adolescentes iranianos com autolesão não suicida. | Dos participantes, 178 relataram pelo menos 1 episódio de INSS durante o ano anterior. A idade média dos participantes quando se machucaram pela primeira vez foi de 14,64 (\pm 1,71). A maioria deles relatou se envolver em NSSI impulsivamente (39,32%) e experimentou pouca (31,5%) ou dor física moderada (31,5%). Não houve diferenças significativas entre homens e mulheres na gravidade de NSSI, frequência de NSSI, pensando sobre NSSI antes ao envolvimento no ato e idade de início. Os resultados da análise fatorial confirmatória apoiaram o modelo de 4 fatores das funções NSSI sugerido por Nock e Prinstine [$X^2 / df = 1,84$; RMSEA = 0,07; GFI = 0,82; AGFI = 0,77]. A função mais frequente para se engajar no NSSI foi o Reforço Negativo Automático. |
| LOPES, L. S.; TEIXEIRA, L.C./ Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar./ | Estilos da Clínica – Revista USP | Discutir a automutilação e suas narrativas por adolescentes em contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa que envolve a | A partir de estudos de casos de uma escola privada em Fortaleza, são discutidos os seguintes aspectos: autolesão e os efeitos na escola, conflitos socio-familiares e processo de subjetivação adolescente. Conclui-se que a partir de uma escuta qualificada na escola é possível dar voz aos adolescentes para que |

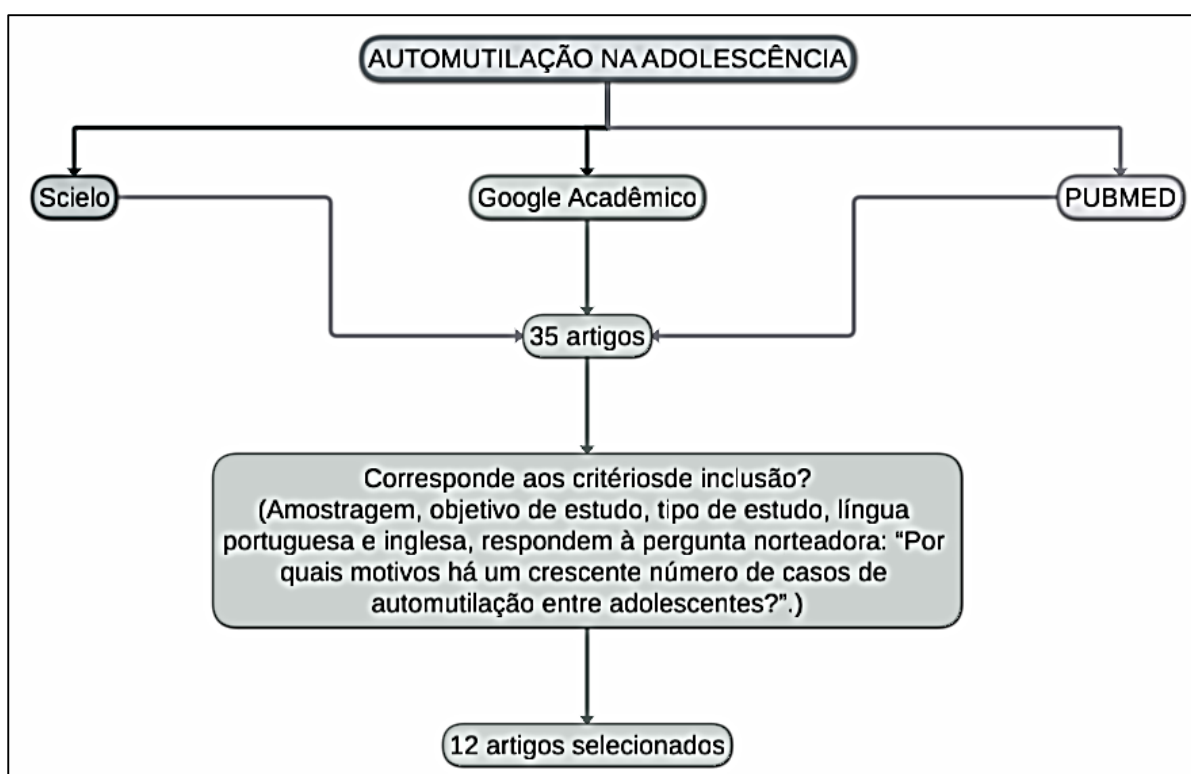
| | | | |
|--|--|---|---|
| 2019 | | psicanálise e o campo da educação, como um trabalho possível da clínica institucional | possam produzir um saber sobre si, e ao seu modo sustentar seu mal estar. |
| MOREIRA, E. S. et al./ Self-mutilation among adolescents: an integrative review of the literature./ 2020 | Ciência & Saúde Coletiva | Apresentar uma síntese das produções científicas a respeito da automutilação em adolescentes no período de janeiro de 2012 a junho de 2017. | O estudo demonstra evidências de que a automutilação é um diagnóstico autônomo que ocorre simultaneamente a outras comorbidades, sendo que, a literatura apresenta diversos fatores condicionantes e determinantes da automutilação em adolescentes, o que contribui para construção das hipóteses de tratamento e programas de prevenção. Entretanto estudos que testem a eficácia de abordagens de prevenção e terapêuticas são escassos. Muitos são os estudos com finalidade de compreender as funções da automutilação e de validação de instrumentos que avaliem o comportamento, entretanto, percebe-se insuficiência de estudos que avaliem a trajetória da automutilação ao longo da vida. |
| REIS, M. N./ Automutilação: O Encontro entre o real do Sofrimento e o sofrimento real/ 2018 | Polêmica – Revista Eletrônica da UERJ | Aborda-se a incidência de automutilação em adolescentes do sexo feminino, nas escolas dos anos finais do ensino fundamental, baseando as hipóteses levantadas na noção de angústia formulada por Lacan. Como tentativa de resgate genealógico do conceito de automutilação, este artigo reúne as concepções médicas, psiquiátricas e psicanalíticas, fomentando a interdisciplinaridade das investigações epistemológicas | Neste artigo, constata-se que a automutilação surge enquanto manifestação semiológica de variados transtornos catalogados no DSM-5, bem como na CID-10. Portanto, encontra-se constatado, pelo menos parcialmente, que o ato automutilatório opera um corte, um entrecruzamento, nos dois corpos que constituem o eu: Leib e Körper. Quando Leib sofre a angústia do desbussolamento, devido à desarticulação dos significantes fundamentais para o sujeito pós-moderno, Körper sofre os transbordamentos sintomáticos que constituem tentativas de fuga do sofrimento psíquico. Por isso, a fim de que reestruturarem seu discurso frente o Real, torna-se ainda mais urgente prestar uma escuta qualificada aos adolescentes. |
| OLIVEIRA, E. K. D. A.; RAMOS, P. L. M. D. S.; AMARAL, E. K. D. A./ Produção De Conhecimento Sobre Automutilação./ 2019 | Anais eletrônico do Congresso de Iniciação Científica do UNIFASB | Verificar o interesse pelo tema, no meio acadêmico, através do número de publicações nos últimos 10 anos (de 2007 a 2017) e também desmistificar a automutilação, | Em 10 anos não chegaram a ser produzidas 30 publicações, mesmo com um certo aumento a partir do ano de 2012. Essas publicações, em sua maioria, são em forma de artigos científicos, sendo também representativa a quantidade de dissertações de Mestrado e relatos e caso. As principais causas da automutilação apontadas nos estudos foram: experiências emocionais traumáticas ocasionadas durante a infância, |

| | | | |
|--|------------------------|---|---|
| | | desassociando-a da possível intenção de suicídio. | distúrbios mentais como; ansiedade, depressão, Como também, problemas social, no âmbito familiar e traços próprios da personalidade. |
| REIS, C. E. S./ Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia./ 2018 | Revista IGT na Rede | Realizar paralelos com a concepção fenomenológica de corpo de Merleau-Ponty com a automutilação. | A contribuição da história demonstra que o corpo é um assunto que permeia antigas discussões e que carrega consigo características construídas de cada época. Destaca-se aqui, o distanciamento que ocorreu entre o homem e seu corpo, exemplificado fundamentalmente pela passagem da pré-história, onde se mantinha uma vivência pré-teórica, sem conhecimentos prévios para embasar a relação mundana, até o afastamento na Idade Média com o corpo silenciado e vítima de preceitos morais, sendo a autoflagelação um reflexo dessa época. Em contrapartida, Merleau-Ponty (1999) enaltece a busca pela reaproximação com o corpo fenomenal cuja distância continua a existir na contemporaneidade. |
| SANTOS, A. A./ Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências./ 2019 | Revista Temas em Saúde | Identificar a prevalência do gênero feminino relativa a comportamentos de automutilação, como também, o manuseio de instrumentos cortantes sobre o corpo como sendo o tipo predominante de automutilação. | Este estudo pode identificar a prevalência do gênero feminino relativa a comportamentos de automutilação, como também, o manuseio de instrumentos cortantes sobre o corpo como sendo o tipo predominante de automutilação. o estudo apresenta algumas limitações, como a dificuldade em obter uma amostra mais significativa, a falta de estudos com os mesmos objetivos e com a mesma população alvo, o que limitou consideravelmente que os resultados obtidos pudessem ser comparados a outros estudos, como também, a aplicação do instrumento de coleta de dados ter sido preenchido em tempo de aula, implicando em alguns alunos negarem-se participar da pesquisa por vergonha de amigos e colegas. |
| TANG, Jie <i>et al.</i> / Association of internet addiction with nonsuicidal self-injury among adolescents in China./ 2020 | JAMA network open | Examinar a ocorrência de dependência de internet com autolesão não suicida e quaisquer diferenças de sexo entre adolescentes chineses. | Neste estudo de pesquisa com 15.623 adolescentes na China, tanto o possível vício em Internet quanto o vício em Internet foram associados à automutilação não suicida. Não houve diferenças nas associações por sexo ou idade. |
| TENÓRIO, Marcela M. C. <i>et al.</i> / A percepção de psicólogos acerca da automutilação em jovens./ 2019 | Revista Científico | Identificar a intensidade dolorosa que mais satisfaz a necessidade da automutilação, assim como os fatores desencadeantes e gratificantes. | Os resultados obtidos apontam para uma prevalência do comportamento autolesivo em jovens com idades entre 11 e 20 anos, notadamente no gênero feminino. Observou-se que o comportamento autolesivo ocorre com maior frequência em jovens que enfrentam dificuldades relacionais, emocionais, comunicacionais e problemas socioeconômicos. Tais variáveis apresentam maior prevalência se existirem associações com psicopatologias. |

| | | | |
|---|----------------|--|---|
| VIEIRA, M. G.; PIRES, M. H. R.; PIRES, O. C./ Self-mutilation: pain intensity, triggering and rewarding factors./ 2016 | Revista Dor | Identificar a intensidade da dor que mais atende à necessidade de automutilação, além dos fatores desencadeantes e recompensadores. | Os participantes tinham entre 16 e 60 anos, sendo 85% do sexo feminino. A depressão foi a doença mais prevalente e a tristeza o fator desencadeante. No que diz respeito aos sentimentos, 65% responderam estar aliviados e o período com grande número de ocorrências foi à noite. Quanto à intensidade da dor de acordo com a escala numérica de dor, 45% não relataram dor, 35% dor leve, 15% dor moderada e 5% dor intensa. Porém, ao considerar a dor interpretada fora do momento da crise, 5% não relataram dor, 45% dor moderada e 50% dor intensa. |
|---|----------------|--|---|

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Figura 1- Fluxograma de seleção dos estudos.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

4 DISCUSSÃO

A palavra *adolescência* tem origem latina e possui significado “para crescer”. De acordo com a Organização Mundial da saúde (OMS) este período de desenvolvimento ocorre entre os 10 e 19 anos (OLIVEIRA, 2016). Rodrigues (2018) exhibe em seu estudo o conceito do período de adolescência criado pelo Estatuto da

Criança e do Adolescente (ECA), de acordo com Art. 2º das disposições preliminares do Estatuto, define a adolescência como a faixa etária entre 12 a 18 anos de idade.

A adolescência consiste em um período de amadurecimento, no qual o indivíduo sofre mudanças biológicas, psicológicas e sociais que podem influenciar em comportamentos violentos tanto para si ou para pessoas próximas. Isso pode ser marcado pela transição da identidade infantil para um indivíduo com uma imagem corporal diferente, estranha, passando a ter um corpo semelhante ao adulto. Aos poucos, eles vão atribuindo a esse corpo um território privilegiado de comunicação para expressar aqueles sentimentos não ditos, representados por seus conflitos mais internos que muitas vezes os sufocam (TENÓRIO *et al.*, 2019; ALMEIDA *et al.*, 2018).

Em *Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real*, Novais (2018) afirma que diante dessa fase de transição conflituosa, o adolescente se depara com um sentimento de angústia e com dificuldades de percorrer essa travessia ocorrendo a interdição do seu desenvolvimento.

Ao dissertar sobre as situações de automutilação em seu artigo: *Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia*, Rodrigues (2018) apresenta a adolescência como um momento de desunião entre a família, em decorrência do adolescente encontrar-se em uma fase de questionamentos e reflexões que fazem com que não consigam seguir regras, aumentando conflitos e sentimentos de não aceitação e compreensão de seus pais. Oliveira (2016) afirma que o jovem começa a apresentar uma menor proximidade com os pais e passa a se relacionar com seus pares. Sendo assim, um bom relacionamento com seus pares reflete em um ajustamento psicológico positivo.

Reis (2018) informa em sua pesquisa que aqueles que buscam controlar as suas emoções possuem a tendência de desenvolverem comportamentos não adaptativos e antissociais, já aqueles que permitem experimentar e viver suas emoções são propensos a apresentarem uma maior adaptação interpessoal. Portanto, a variabilidade emocional e o ajustamento psicológico estão relacionados, sugerindo que adolescentes incapazes de lidar com suas emoções possam desenvolver alguma psicopatologia devido a sintomas depressivos diante da não adaptação social. Em concordância a isso, Oliveira (2016) afirma que os adolescentes rejeitados socialmente são mais propensos de apresentarem problemas comportamentais, e Santos *et al.*, (2019) demonstram que de acordo com a literatura, a depressão parece influenciar a prática de automutilar-se.

Em relação ao corpo e às marcas corporais, Tenório *et al.*, (2019) enfatizam que são resultados do complexo social em que o adolescente está inserido. Dessa maneira, a sua relação com o mundo ocorre através da pele, sendo necessário, às vezes, a reorganização de sua superfície para nela se sentir melhor. Com a necessidade de redefinir aquilo que o identifica, o indivíduo pode sentir-se desamparado pelas incertezas e os sentimentos que geralmente não são expressos, em alguns adolescentes são denunciados por uma produção de linguagem corporal, ao invés de uma linguagem oral. Ao se comparar com Novais (2018), percebe-se uma concordância, pois, assim como Tenório *et al.*, (2019) afirmam que o corpo é o primeiro meio de contato com o mundo, dessa forma, com a presença de sentimentos, de angústias provoca uma exteriorização somática através de cortes, queimaduras ou perfurações em seu corpo.

Em contrapartida, Moraes (2018) diverge dos demais autores, ao afirmar que apesar do jovem precisar viver socialmente e que o grupo seja necessário, um grupo de jovens deprimidos, seja presencialmente ou utilizando a internet pode ser maléfico e ser uma experiência tóxica. Segundo ele, o compartilhamento de experiências dos adolescentes sobre suas angústias e dores exerce forte influência, logo, se um indivíduo se corta, os outros farão o mesmo para sentir-se integrado naquele grupo.

Similarmente, Tang *et al.*, (2020), em seu estudo observam uma associação da autolesão não suicida com a internet, porém é difícil ter certeza de que o vício em redes sociais resulte na automutilação ou vice-versa. No entanto, foi percebido que aqueles adolescentes que são dependentes digitais e praticam a autolesão podem ter sofrimentos psíquicos maiores que os outros e usam tanto a internet como as lesões corporais para alívio da dor. Além disso, ele cita que em estudos recentes mencionados em seu artigo, houve evidências de que a exposição das fotos de jovens que praticam autolesão não suicida, no *instagram* pode ser um risco para influenciar adolescentes a iniciar a automutilação.

Adolescentes que apresentam dificuldades quanto ao seu desenvolvimento emocional e social, assim como as características da sua personalidade e resiliência que estão sendo desenvolvidas, determinam a tendência deste sujeito a desenvolver psicopatologias (NOVAIS, 2018).

No estudo realizado por Tenório *et al.*, (2019), no qual foram entrevistados cerca de 15 psicólogos, foi possível observar que 80% dos entrevistados certificaram que a maioria dos casos de automutilação, atendidos por eles nos últimos anos,

esteve associado a algum quadro de doenças psíquicas. Já os outros 20% enfatizam que o ato de se lesar pode não está associado a uma psicopatologia, devendo destacar o meio em que o jovem está inserido para conhecer os fatores que justificam tais ações. Sob o mesmo ponto de vista que os 80% dos psicólogos citados acima, Santos *et al.*, (2019) revelam que o perfil de um adolescente que pratica lesões autoprovocadas é definido por distúrbios psicológicos, geralmente com diagnósticos pré-estabelecidos, como depressão, ansiedade, agressividade e impulsividade.

A automutilação é vista como um sintoma de alguns transtornos mentais. Dentre eles destaca-se o Transtorno de Personalidade *Borderline*, do qual a automutilação faz parte do quinto critério de diagnóstico para esse transtorno (TENÓRIO *et al.*, 2019). De acordo com Lopes e Teixeira (2019, p. 296):

Na escola, os sintomas da adolescência aparecem disfarçados pelo nome de ansiedade, transtorno *borderline*, dislexia, depressão; mas, na verdade, o que encontramos com mais frequência são sujeitos que expressam seu mal-estar através do corpo, por isso os casos tão comuns de automutilação, sobretudo em meninas.

Rodrigues (2018) também afirma que os transtornos psiquiátricos intensificam o comportamento autolesivo na tentativa de diminuição do sofrimento. Define automutilação como qualquer ato consciente de ataque ao próprio corpo, não havendo a intenção de suicídio, que geralmente se inicia entre os 13 e 14 anos de idade do adolescente. Vieira, Pires e Pires (2016), em sua pesquisa sobre os fatores associados à automutilação realizada com 20 pacientes de idades entre 16 a 60 anos, percebeu que 55% dos pacientes que se automutilaram foram diagnosticados com depressão maior; 20% com ansiedade; 15% com raiva, medo ou frustrações. Ademais, dentre os sentimentos ou fatores que desencadearam a automutilação o principal foi a tristeza relatada por 70% dos entrevistados; 60% angústia e 40% disseram sentir culpa.

Existem várias classificações para automutilação, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014), define-se automutilação a partir dos seguintes critérios:

Quadro 2- Critérios para a Definição de Automutilação

| | |
|--------------------|---|
| Critério A: | <p>No último ano, o indivíduo se engajou, em cinco ou mais dias, em dano intencional autoinfligindo à superfície do seu corpo, provavelmente induzindo sangramento, contusão ou dor (por exemplo: cortar, queimar, fincar, bater, esfregar excessivamente), com a expectativa de que a lesão levasse somente a um dano físico menor ou moderado (por exemplo, não há intenção suicida).</p> <p>Nota: A ausência de intenção suicida foi declarada pelo indivíduo ou pode ser inferida por seu engajamento repetido em um comportamento que ele sabe, ou aprendeu, que provavelmente não resultará em morte.</p> |
| Critério B: | <p>O indivíduo se engaja em comportamentos de autolesão com uma ou mais das seguintes expectativas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Obter alívio de um estado de sentimento ou de cognição negativos. 2. Resolver uma dificuldade interpessoal. 3. Induzir um estado de sentimento positivo. Nota: O alívio ou resposta desejada são experimentados durante ou logo após a autolesão, e o indivíduo pode exibir padrões de comportamento que sugerem uma dependência em repetidamente se envolver neles. |
| Critério C: | <p>A autolesão intencional está associada pelo menos a um dos seguintes casos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldades interpessoais ou sentimentos ou pensamentos negativos, tais como depressão, ansiedade, tensão, raiva, angústia generalizada ou autocrítica, ocorrendo o período imediatamente anterior ao ato de autolesão. 2. Antes do engajamento no ato, um período de preocupação com o comportamento pretendido, que é difícil de controlar. 3. Pensar na autolesão que ocorre frequentemente, mesmo quando não é praticada. |
| Critério D: | <p>O comportamento não é socialmente aprovado (por exemplo: <i>piercing</i> corporal, tatuagem, parte de um ritual religioso ou cultural) e não está restrito a arrancar casca de feridas ou roer as unhas.</p> |
| Critério E: | <p>O comportamento ou suas consequências causam sofrimento clinicamente significativo ou interferência no funcionamento interpessoal, acadêmico ou em outras áreas importantes da vida.</p> |
| Critério F: | <p>O comportamento não ocorre exclusivamente durante episódios psicóticos, delírio, intoxicação por substâncias ou abstinência de substância. Em indivíduos com um transtorno do neurodesenvolvimento, o comportamento não faz parte de um padrão de estereotípias repetitivas. O comportamento não é mais bem explicado por outro transtorno mental ou condição médica (por exemplo: transtorno psicótico, transtorno do espectro autista, deficiência mental, *síndrome de LeschNyhan, transtorno do movimento estereotipado</p> |

| |
|--|
| com autolesão, tricotilomania (transtorno de arrancar cabelo), transtorno de escoriação (skin-picking)). |
|--|

Fonte: (DSM-V, 2014, p. 803-804)

Almeida *et al.*, (2018) apresentam outra forma de classificação da automutilação, de acordo com Rosenthal e Favazza:

1. Automutilação do tipo estereotipada: lesões repetitivas, com mesmo padrão apresentando variância de gravidade, dificilmente se sentem constrangidas com o ato.

2. Automutilação do tipo grave: ferimentos graves irreversíveis que geralmente não são repetidos devido ao risco de morte. Está associado a delírios religiosos e transtornos psíquicos.

3. Automutilação do tipo compulsivo: são comportamentos repetitivos, diários ocorrendo inúmeras vezes durante o dia.

4. Automutilação do tipo impulsivo: quando agride a si mesmo após momentos de forte emoção, raiva ou trauma, acarretando em atos agressivos/impulsivos.

Durante séculos o homem busca atribuir significado ao ato de mutilar o próprio corpo. Segundo Moraes (2018), na idade média o ato de se mutilar significava um distanciamento de Deus e destaca a presença de registro em que as mulheres eram consideradas histéricas por se furarem com agulhas. Já no final do século XIX, os autores Freitas e Souza (2017) descrevem a lesão autoprovocada já relacionada com elementos culturais, através de tatuagem, *piercings* e mutilações, que eram representadas como símbolos de diferentes grupos sociais entre eles estão, marinheiros, circenses, prostitutas e homossexuais. Em comparação à visão psicanalítica do Karl Menninger em 1934, acrescenta-se um significado diferente, em que acreditava que a automutilação era uma forma moderada de suicídio sem concretização (MORAES, 2018).

Izadi-Mazidi *et al.*, (2019), em um estudo realizado entre estudantes iranianos do ensino médio publicado pela revista *Iranian Journal of Psychiatry*, buscaram analisar a automutilação não suicida a partir do Modelo de Quatro Funções elaborado por Nock e Prinstein em 2004 (quadro 2), no qual observou-se que a regulação da emoção foi o processo que causa automutilação não suicida mais endossado do que a regulação do ambiente social.

Quadro 3- Modelo de Quatro Funções:

| | |
|--|---|
| 1- Reforço Negativo Automático: | Automutilação não suicida seguido por uma diminuição ou eliminação de emoções ou cognições aversivas e |
| 2- Reforço Positivo Automático: | Automutilação não suicida seguido por um aumento ou geração de sentimentos positivos ou estados cognitivos. |
| 3- Reforço Social Negativo | Automutilação não suicida seguido por uma diminuição ou eliminação de eventos sociais aversivos. |
| 4- Reforço Social Positivo | Automutilação não suicida seguido por um aumento ou geração de eventos sociais desejados |

Fonte: (IZADI-MAZIDI *et al.*, 2019, p. 184-191).

De forma similar, Santos *et al.*, (2019) realizaram um estudo de caso onde analisaram 10 adolescentes da Educação Básica, constatando as principais causas da automutilação destacando-se problemas familiares como o luto, discussões, divórcios e doenças. Além disso, relacionamentos interpessoais caracterizados por relacionamentos amorosos, decepção de amigos e influência de amigos. Desse modo, nota-se que entre as causas de automutilação não suicida, a falta de controle sobre o próprio estado emocional diante de situações adversas contribui para o quadro do indivíduo.

Os principais fatores de risco para a prática da lesão autoprovocada, de acordo com a pesquisa de Moreira *et al.*, (2020) realizada em sete países da Europa são: ser mulher; ter sofrido ou sofrer algum abuso sexual ou agressão física; vítimas de *bullying*; consumo excessivo de álcool e drogas; término de relacionamentos. Também endossam a lista: relacionamentos maternos instáveis; desamparo familiar; relação com outras pessoas que se automutilam; insônia; impulsividade; baixa autoestima; nível socioeconômico baixo; dificuldades para enfrentar os seus problemas; baixa escolaridade; dificuldade de expressar os sentimentos; não crer em religiões ou espiritualidades e a autocrítica.

Almeida *et al.*, (2018) listaram os principais fatores de risco que colaboram para desenvolver o comportamento de lesar o próprio corpo, que englobam

características pessoais, como a falta de mecanismos de adaptação, pessimismo, insegurança, distorção da imagem corporal, baixa autoestima, instabilidade emocional, impulsividade e autodepreciação. Quanto aos transtornos psiquiátricos destacam a ansiedade, depressão e transtornos de personalidades. Além disso, constatou-se problemas relacionados à infância, por exemplo, abuso sexual, físico e emocional, negligência e estresse emocional precoce. Ademais, pontuou os fatores de risco sociais: *bullying* e informação sobre automutilação, principalmente pelas redes sociais onde compartilham suas experiências havendo um contágio social. Por último, em relação à família tem-se dependência de álcool, separação precoce dos pais e relação familiar disfuncional.

Além disso, Tang *et al.*, (2020) pontuam que o uso inadequado da internet está associado ao ato de automutilar-se. Em um estudo transversal entre adolescentes realizado na China no período de agosto de 2018 a março de 2019, observou-se que os adolescentes envolvidos com a automutilação não suicida e o vício em internet podem ter mais problemas psicológicos e usar esses comportamentos para obter o que consideram um alívio do sofrimento.

Santos *et al.*, (2019) acrescentam, de acordo com a Sociedade Internacional de Estudo da Violência Autodirigida, que há também fatores protetores, tais como: as boas relações familiares; bom suporte social; boas competências sociais; estilo de vida saudável; identificação efetiva com valores culturais e boas relações interpessoais. Sendo assim, ao comparar os estudos, observa-se que quando os fatores de riscos sobrepõem os fatores protetores, os adolescentes tornam-se mais propensos a desenvolver comportamentos autolesivos.

Rodrigues (2018) e Almeida *et al.*, (2018) esclarecem a associação entre automutilação e suicídio e a importância da sua diferenciação. Eles afirmam que indivíduos que se autolesionam apresentam atos repetitivos, pois apesar de causarem dor este ato diminui o sentimento de angústia momentaneamente, não possuindo intenção consciente de suicídio, porém apresenta risco. Na maioria dos casos a própria autolesão provocada é vista como uma punição, sem a necessidade de provocar o suicídio mesmo que isso possa ocorrer de forma acidental.

Em concordância, Novais (2018), afirma que a automutilação voluntária possui finalidade de realizar cortes no próprio corpo sem intenção consciente de suicídio, no entanto, o mal-estar instalado no interior do sujeito que instiga a autolesão, também pode futuramente estimular pensamentos suicidas. Diante dessa relação e

da importância do número crescente de casos, o Presidente da República criou a Lei Nº 13.819, de 26 de abril de 2019, que institui a Política Nacional de Prevenção de Automutilação e de Suicídio. A política tem como objetivo a promoção de saúde mental, a prevenção da violência autoprovocada, ter o controle dos fatores determinantes e condicionantes da saúde mental, dar a garantia do acesso psicossocial para as pessoas que estiverem em sofrimento psíquico. Também há o propósito de informar e sensibilizar a sociedade que se trata de um problema de saúde pública que pode ser prevenido, além disso, ser necessário a notificação dos casos, dentre outros objetivos (BRASIL a, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a importância do conhecimento das causas que influenciam os adolescentes a se automutilarem, que contribuem de forma negativa para o seu desenvolvimento biológico, mental e social, considerando a adolescência uma fase de maior vulnerabilidade por estarem em constantes mudanças e adaptações. Além disso, é importante a quebra do tabu sobre automutilação entre jovens, informando profissionais da educação para combater a negligência em relação a este tema. Dessa forma, espera-se que com o conhecimento das causas, principalmente entre pais, profissionais da saúde e educação, que levam o adolescente a praticar lesão autoprovocada, seja possível prevenir a ocorrência de novos casos através das informações divulgadas, reduzindo assim esse problema de saúde pública.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. *et al.* A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**. Alagoas, v. 4, n. 3 p. 147-160, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/5322/2803>. Acesso em 04 abril. 2020.

BRASIL a. **Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 abr. p.1, 2019.

BRASIL b. Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. Brasília. v. 50, n. 24, 2019.

DSM-V, **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, p. 803-804, 2014.

FREITAS, E. Q.; SOUZA, R. Automutilação na adolescência: prevenção e intervenção em psicologia escolar. **Revista Ciência (In)Cena**, v.1, n.5, p.158-174, 2017. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/view/4356>. Acesso em: 30 mar. 2020.

IZADI-MAZIDI M. *et al.* Assessing the functions of non-suicidal self-injury: factor analysis of functional assessment of self-mutilation among adolescents. **Iranian journal of psychiatry**, v. 14, n. 3, p. 184, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6778602/#>. Acesso em: 19 jun. 2020.

LOPES, L. S.; TEIXEIRA, L.C. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos da Clínica – Revista USP**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 291-303, ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282019000200010&ln=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p291-303>.

MORAES, W. C. D. **Angústias da automutilação**. Atibaia- SP. 2018. Disponível em: <http://186.251.225.226:8080/handle/123456789/129>. Acesso em: 02 abr. 2020.

MOREIRA, E. S. *et al.* Self-mutilation among adolescents: an integrative review of the literature. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 10, p. 3945-3954, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32997026/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

NOVAIS R. M. Automutilação: O Encontro entre o real do Sofrimento e o sofrimento real. **POLÊMICA**, v.18, n.1, p.050-067, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/36069/25688>. Acesso em: 20 abr. 2020. ISSN 1676-0727. doi:<https://doi.org/10.12957/polemica.2018.36069>.

OLIVEIRA, E. K. D. A.; RAMOS, P. L. M. D. S.; AMARAL, E. K. D. A. Produção De Conhecimento Sobre Automutilação. **Anais Eletrônico Cic**, Barreiras – BA, 2019. Disponível em: <http://fasb.edu.br/revista/index.php/cic/article/view/486>. Acesso em: 03 mar. 2020.

OLIVEIRA, T. A.; **Automutilação do corpo entre adolescentes: um sintoma social ou alerta de transtorno mental?**. Brasil: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Salvador. 2016. Disponível em: <http://www7.bahiana.edu.br/jspui/handle/bahiana/326>. Acesso em: 28 mar. 2020.

REIS, C. E. S. Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, v.15, n.29, p.131-146, 2018. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=630> Acesso em: 07 abr. 2020.

RODRIGUES, P. P. **Gritos silenciosos: quando as impossibilidades de simbolização de conflitos retornam ao corpo-automutilação na adolescência.** Belo Horizonte- MG. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AYVFK7>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SANTOS, A. A., *et al.* Automutilação na adolescência: compreendendo suas causas e consequências (Self-mutilation in adolescence: understanding its causes and consequences). **Temas em Saúde**, v.18, n.3, p.116-142, 2019. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/03/fippsi03.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

TANG, Jie *et al.* Association of internet addiction with nonsuicidal self-injury among adolescents in China. **JAMA network open**, v.3, n.6, p.e206863-e206863, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamanetworkopen/article-abstract/2766782>. Acesso em: 19 jun. 2020. doi: 10.1001 / jamanetworkopen.2020.6863

TENÓRIO, Marcela M. C. *et al.* A Percepção De Psicólogos Acerca Da Automutilação Em Jovens. **Revista Científico**, v.19, n.40, p.67-86, 2019. Disponível em: <https://cientefico.emnuvens.com.br/cientefico/article/view/654>. Acesso em: 15 mar. 2020.

VIEIRA, M. G.; PIRES, M. H. R.; PIRES, O. C. Self-mutilation: pain intensity, triggering and rewarding factors. **Revista Dor**, v. 17, n. 4, p. 257-260, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132016000400257&lang=en. Acesso em: 20 mar. 2021.